

Correção parental da fala das crianças

Parental correction of children's speech

Corrección parental del discurso de los niños

Beatriz Cella¹ 

Irani Rodrigues Maldonado¹ 

Resumo

Introdução: A família é o primeiro ambiente de socialização da criança e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem. Entretanto, muitos responsáveis enfrentam dúvidas sobre como lidar com os erros na fala infantil e quais estratégias de correção utilizar, o que pode impactar no desenvolvimento linguístico e emocional da criança. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo verificar como os familiares lidam com esses erros e quais práticas de correção adotam. **Métodos:** Estudo qualitativo e transversal. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove responsáveis por crianças em atendimento fonoaudiológico numa Unidade Básica de Saúde de Campinas, enfocando o conhecimento deles sobre o processo de aquisição de linguagem, os erros nas falas dessas crianças e a maneira como lidam com eles. Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo. **Resultados:** Todos os participantes demonstraram incertezas quanto à melhor forma de corrigir a fala das crianças. Foram identificadas duas estratégias principais de correção: a) correções diretas, nas quais o responsável exige que a criança repita a forma esperada; e b) correções indiretas, quando o interlocutor reformula a fala da criança corretamente, sem exigir repetição. **Discussão:** Correções diretas e excessivas podem gerar insegurança e levar a criança a se calar, enquanto reformulações indiretas favorecem o desenvolvimento da linguagem de forma natural. **Conclusões:** As estratégias de correção devem considerar as necessidades individuais de cada criança. Cabe ao fonoaudiólogo orientar os responsáveis sobre as estratégias mais adequadas e eficazes para corrigir a fala da criança.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Família; Fonoaudiologia; Linguagem Infantil.

Abstract

Introduction: The family is the first environment for children's socialization and plays a fundamental role in language development. However, many caregivers face doubts about how to deal with children's speech errors and which correction strategies to use, which can impact the child's linguistic and emotional development. **Objective:** This study aimed to verify how family members deal with these errors and which correction practices they use. **Methods:** This qualitative cross-sectional study conducted semi-structured

¹ Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.

Contribuição dos autores:

BC: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo; revisão crítica.

IRM: concepção do estudo; metodologia; esboço do artigo; revisão crítica; orientação.

E-mail para correspondência: iranirm@unicamp.br

Recebido: 22/12/2024

Aprovado: 16/04/2025



interviews with nine caregivers of children undergoing speech-language-hearing therapy at a community health center in Campinas, Brazil, focusing on their knowledge about language acquisition, these children's speech errors, and how they deal with them. Data was analyzed through content analysis. **Results:** All participants were uncertain about the best way to correct children's speech. Two main correction strategies were identified: a) direct corrections, in which the caregiver requires the child to repeat the expected form; and b) indirect corrections, when the interlocutor reformulates the child's speech correctly, without requiring repetition. **Discussion:** Direct and excessive corrections can make the child insecure and silent, while indirect reformulations help them develop language naturally. **Conclusions:** Correction strategies should consider each child's needs. Speech-language-hearing pathologists are responsible for guiding parents and guardians on the most appropriate and effective strategies to correct the children's speech.

Keywords: Language acquisition; Family; Speech, Language and Hearing Sciences; Child Language.

Resumen

Introducción: La familia es el primer entorno de socialización del niño y desempeña un papel fundamental en el desarrollo del lenguaje. Pero, muchos cuidadores enfrentan dudas sobre cómo manejar los errores en el habla infantil y qué estrategias de corrección utilizar, lo que puede afectar tanto el desarrollo lingüístico como el emocional del niño. **Objetivo:** Este estudio tuvo como objetivo verificar cómo los familiares enfrentan esos errores y qué prácticas de corrección adoptan. **Métodos:** Estudio cualitativo y transversal. Se realizaron entrevistas semiestructuradas a nueve personas responsables de niños en terapia fonoaudiológica en una Unidad Básica de Salud de Campinas, centrándose en sus conocimientos sobre el proceso de adquisición del lenguaje, los errores en el habla de estos niños y la forma como los afrontan. Los datos fueron analizados mediante Análisis de Contenido. **Resultados:** Todos los participantes mostraron incertidumbre sobre la mejor forma de corregir el habla de los niños. Se identificaron dos estrategias principales de corrección: a) correcciones directas, donde el cuidador exige que el niño repita la forma esperada; y b) correcciones indirectas, cuando el interlocutor reformula correctamente el habla del niño sin exigir repetición. **Discusión:** Las correcciones directas y excesivas pueden generar inseguridad y hacer callar al niño, mientras que las reformulaciones indirectas favorecen el desarrollo del lenguaje de manera natural. **Conclusiones:** Las estrategias de corrección deben tener en cuenta las necesidades individuales de cada niño. Es responsabilidad del fonoaudiólogo orientar a los cuidadores sobre las estrategias más adecuadas y eficaces para corregir el habla del niño.

Palabras clave: Adquisición del lenguaje; Familia; Fonoaudiología; Lenguaje infantil.



Introdução

A linguagem é um sistema complexo e essencial para a estruturação do pensamento, para a comunicação humana, assim como desempenha um papel central na constituição dos sujeitos e no desenvolvimento psíquico. Conforme a proposta interacionista desenvolvida por De Lemos¹ e colaboradoras, como Lier-De-Vitto² e Maldonado³, o processo de aquisição da linguagem é entendido como um processo de mudanças linguísticas e subjetivas, marcado pela heterogeneidade da língua(gem)⁴.

Os primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento da linguagem, que se inicia muito antes de a criança produzir suas primeiras palavras. Como destaca Holanda *et al.*⁵, a criança é “capturada” pela linguagem desde os primeiros momentos de interação com o ambiente, por meio de trocas multimodais que incluem gestos, expressões faciais, entonações e vocalizações. Essas interações não verbais configuram-se como a base para a entrada da criança na linguagem, permitindo que ela participe, ainda que de forma incipiente, das práticas discursivas de sua comunidade. Esse processo não ocorre de forma uniforme, mas é guiado por contextos linguísticos e situacionais que moldam as experiências individuais, refletindo tanto no ritmo quanto na qualidade do desenvolvimento linguístico.

Ainda, afirmam as autoras⁵ que o uso combinado de diferentes modos de comunicação — como gestos, expressões faciais, prosódia e contato visual — nas interações iniciais entre o adulto e o bebê é fundamental. Segundo Holanda *et al.*⁵, essa abordagem multimodal permite que a criança seja inserida gradativamente como parceira ativa nas interações linguísticas. Esse tipo de engajamento multimodal configura-se como um suporte essencial para a atenção conjunta, possibilitando as interações familiares e que a criança se constitua como parceira de diálogo.

Desde o nascimento, a criança é inserida no ambiente familiar, que desempenha um papel crucial em todos os aspectos do seu desenvolvimento. De acordo com Thomaz *et al.*⁶, um ambiente familiar saudável e estimulante é determinante para o desenvolvimento psíquico e linguístico da criança. Os estudos de Tamis-LeMonda, Kuchirko e Song⁷ afirmam que o adulto, especialmente os membros da família, têm um papel essencial na aquisição da

linguagem, pois podem propiciar experiências que promovem e enriquecem o desenvolvimento da criança. Ou seja, a família influencia diretamente o processo de aquisição da criança nas conversas, brincadeiras e leitura, ampliando sua imaginação, criatividade e vocabulário.

De acordo com Maldonado⁸, o processo de aquisição da linguagem é marcado pela presença dos erros. Em relação à aquisição da fonologia, é comum que ocorram substituições, omissões e inversões de fonemas ao longo do processo. Esses erros típicos, que frequentemente refletem tentativas da criança de se aproximar da língua(gem) dos adultos, são esperados até cerca dos quatro ou cinco anos de idade⁹. No entanto, quando esses erros persistem além dessa fase, tornando a fala difícil de ser compreendida e causando sofrimento tanto na criança quanto nos pais, pode ser um sinal de que uma avaliação fonoaudiológica é necessária. A busca por orientação especializada torna-se crucial para determinar se esses padrões representam apenas uma variação normal do longo processo de aquisição da linguagem ou uma dificuldade, que exige intervenção.

Muitas vezes, esses erros geram preocupação em pais, professores e outros adultos do convívio da criança, que podem sentir a necessidade de intervir ou corrigir a fala, acreditando contribuir para o desenvolvimento linguístico. A literatura, contudo, indica que o excesso de correções pode impactar negativamente a criança. Karatzias *et al.*¹⁰ advertem que uma abordagem corretiva excessiva pode inibir a espontaneidade e a autoconfiança da criança, que passa a se preocupar mais com a precisão da fala do que na comunicação em si. Assim, em vez de apoiar a criança, a correção constante pode criar um ambiente de ansiedade e pressão, dificultando o desenvolvimento natural da linguagem. Correções excessivas, especialmente quando ríspidas ou frequentes, tendem a inibir a expressão da criança e, em casos mais graves, a afetar seu interesse e engajamento nas interações verbais.

Diante desse cenário, torna-se essencial oferecer orientações específicas para os pais. Apesar de orientações sobre como lidar com dificuldades de linguagem estarem amplamente disponíveis em livros e na internet, estas frequentemente são genéricas¹¹. Cada família enfrenta desafios únicos, principalmente ao lidar com as dificuldades dos filhos ao longo do processo de aquisição da

linguagem. É essencial destacar que não existe uma instrução que possa ser oferecida sem obstáculos para qualquer situação comunicativa e qualquer pessoa, sendo necessária uma orientação individualizada, levando-se em consideração que o processo de aquisição da linguagem é singular para cada sujeito. Com isso, muitos pais buscam suporte e podem obtê-lo junto a profissionais da saúde, especialmente fonoaudiólogos, através de atendimentos e atividades de promoção de saúde na Atenção Básica.

Neste contexto, algumas questões se destacam, como a forma como os familiares percebem e lidam com os erros na fala das crianças, quais estratégias utilizam para corrigi-los e quais impactos essas práticas podem ter no desenvolvimento infantil. Além disso, é importante considerar o papel da orientação fonoaudiológica na construção de estratégias mais eficazes e menos ansiosas para a criança.

Sendo assim, a ideia deste projeto de pesquisa surgiu a partir das interações com famílias de crianças que estavam em atendimentos fonoaudiológicos em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de Campinas, as quais apresentaram muitas dúvidas sobre o processo de aquisição de linguagem de seus filhos e não sabiam como lidar com isso. A correção dos erros de fala das crianças foi um tópico frequente nessas interações, destacando a importância de orientações práticas e específicas para os pais sobre como apoiar o desenvolvimento da linguagem de maneira eficaz. Assim, o presente estudo justifica-se pela necessidade de lidar com os questionamentos das famílias e fornecer respostas ou alternativas que auxiliem as famílias na compreensão do processo de aquisição da linguagem, bem como na escolha de maneiras mais adequadas que promovam o desenvolvimento linguístico e emocional saudável, sem inibir o processo natural da criança. Ao capacitar as famílias com informações mais adequadas, espera-se construir um ambiente favorável para o desenvolvimento natural da linguagem e o bem-estar emocional da criança.

Atualmente, no município de Campinas, os fonoaudiólogos estão ganhando espaço nas UBSs, sendo que, segundo o “Protocolo de Fonoaudiologia” da Prefeitura Municipal de Campinas¹², esses profissionais podem atuar nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), e nos NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família). Porém, as longas filas de espera e a crescente demanda por atendimento fonoaudiológico, apontam que a atuação fonoau-

diológica na atenção básica ainda é insuficiente, o que evidencia a necessidade de maior participação desse profissional na rede de saúde. Neste sentido, os campos de estágios do curso de graduação em Fonoaudiologia na rede municipal de saúde de Campinas têm dado a sua contribuição.

Além disso, este estudo tem relevância prática, pois pode auxiliar pais e professores a lidarem com dificuldades de linguagem das crianças. Os resultados obtidos podem contribuir para a formulação de instrumentos, estratégias e orientações mais eficazes, tornando a comunicação mais acessível e favorecendo o desenvolvimento linguístico infantil.

Acredita-se que os resultados deste trabalho poderão contribuir no preparo de orientações mais eficazes para pais e cuidadores, reforçando a relevância da intervenção fonoaudiológica na criação de práticas de correção mais eficazes para o desenvolvimento linguístico infantil.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é verificar como os familiares/responsáveis lidam com os erros na fala das crianças e quais são as práticas de correção adotadas por eles. Ou seja, o estudo retrata uma situação cotidiana enfrentada por muitos cuidadores: o que fazer diante da fala “errada” da criança?

Material e método

O presente estudo consiste em um recorte de uma pesquisa qualitativa e transversal maior, intitulada “Dúvidas de Famílias sobre o Processo de Aquisição de Linguagem na Atenção Básica”, realizada em 2024, como pesquisa de Iniciação Científica. Participaram da pesquisa nove responsáveis por crianças com dificuldades de linguagem, que estavam sendo atendidas em fonoaudiologia em uma UBS de uma cidade do interior de São Paulo (Campinas). Todas as crianças participantes estavam em atendimento fonoaudiológico no momento da coleta de dados, recebendo intervenção específica para suas dificuldades de linguagem.

A escolha desse local possibilitou a coleta de dados durante os atendimentos fonoaudiológicos, facilitando a participação e dispensando a necessidade de deslocamento adicional dos responsáveis. Foram incluídos responsáveis por crianças de ambos os sexos, com idades entre 4 e 10 anos, que apresentavam alterações no processo de aquisição da linguagem. Foram excluídos os responsáveis cujas crianças tinham transtornos orgânicos espe-

cíficos (de audição ou neurológico, por exemplo) como causa das alterações de linguagem. Todas as crianças passaram por avaliação fonoaudiológica prévia para verificar se as queixas dos cuidadores correspondiam a alterações reais na aquisição da linguagem.

A coleta de dados foi realizada semanalmente às segundas-feiras, no período da tarde, com início em 25 de março de 2024. As entrevistas ocorreram individualmente, em salas de atendimento disponibilizadas para as atividades práticas das disciplinas de Saúde Coletiva (FN 543 C e FN 643 C) do curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, enquanto as crianças estavam em atendimento. As entrevistas, com duração média de 20 minutos, seguiram um roteiro semiestruturado, que incluía perguntas sobre a percepção dos responsáveis em relação aos erros na fala das crianças, as estratégias de correção adotadas e o impacto percebido dessas intervenções no desenvolvimento linguístico.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas integralmente

para posterior análise. Utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo¹³ para interpretar e categorizar os dados das entrevistas, permitindo a identificação padrões e variações nas respostas dos responsáveis, propiciando a interpretação qualitativa dos achados.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP 6.536.089, CAAE 74698723.4.0000.5404) e seguiu as diretrizes da Resolução CNS nº 466/12. Todos os participantes foram informados sobre a natureza voluntária da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados

Participaram da pesquisa nove responsáveis pelas crianças que estavam em atendimento fonoaudiológico na UBS, cujas crianças tinham idades entre 4 e 10 anos e apresentavam dificuldades de linguagem. O perfil detalhado dos participantes é apresentado no Quadro 1, que descreve informações relevantes para a caracterização da amostra.

Quadro 1. Perfil dos Participantes

	Parentesco com a criança	Idade da Criança	Nível de escolaridade do responsável	Configuração Familiar
Participante 01	Pai	4 anos	Ensino Superior Completo	Família nuclear - dupla parentalidade
Participante 02	Avó materna	4 anos	Ensino Médio Completo	Família nuclear - dupla parentalidade
Participante 03	Mãe	5 anos	Ensino Médio Completo	Família nuclear - dupla parentalidade
Participante 04	Mãe	5 anos	Primeiro grau incompleto	Família nuclear - dupla parentalidade
Participante 05	Pai	9 anos	Ensino Superior Completo	Família recomposta
Participante 06	Avó materna	5 anos	Ensino Médio Completo	Família monoparental
Participante 07	Pai	7 anos	Ensino Médio Completo	Família nuclear - dupla parentalidade
Participante 08	Mãe	4 anos	Ensino Médio Completo	Pais separados - guarda compartilhada
Participante 09	Mãe	5 anos	Ensino Médio Completo	Pais separados - guarda compartilhada

Legenda: Perfil dos participantes da pesquisa, (n=9), Campinas, 2024. Família nuclear - dupla parentalidade: Estrutura familiar tradicional com dois pais que vivem juntos e são os principais responsáveis pelos filhos. Família recomposta: Estrutura familiar que inclui membros de casamentos ou relações anteriores. Família monoparental: Composta por apenas um dos pais que assume sozinho a responsabilidade pelos filhos. Pais separados - guarda compartilhada: Arranjo familiar em que os pais não vivem juntos, mas dividem legalmente a responsabilidade e o tempo de convivência com os filhos.



Com base nas entrevistas realizadas com as famílias, foram identificados três principais subtemas relacionados aos erros e à correção da fala infantil. Eles foram organizados em três eixos temáticos:

- Visão dos erros na fala da criança;
- Maneiras de lidar com os erros na fala;
- A correção da fala e os seus efeitos nas crianças.

A seguir, são apresentados os principais achados de cada eixo, detalhando as percepções dos responsáveis e as práticas de correção relatadas,

além de suas implicações no desenvolvimento das crianças.

Visão dos responsáveis sobre os erros na fala da criança

Os dados coletados mostram, no Quadro 2, que os responsáveis mencionaram diversos erros de fala nas crianças, incluindo dificuldades expressivas, episódios de gagueira, alterações fonêmicas e impactos atribuídos à pandemia de Covid-19.

Quadro 2. Identificação dos Erros na Fala pelos Responsáveis/Pais

	Principal queixa de linguagem segundo os responsáveis	Percurso até a chegada para a Fonoaudiologia	Compreensão das primeiras palavras e frases	Expressão (ou sentimentos) da criança quando não é entendida
Participante 01	Dificuldade da criança em se expressar.	Família e Escola perceberam as dificuldades	Responsáveis entendiam a criança através da observação de aspectos multimodais.	Fica bravo e envergonhado
Participante 02	Dificuldade da criança em se expressar.	Busca espontânea da família	Responsáveis entendiam a criança.	Fica nervoso, não gosta
Participante 03	Atraso de fala com causa atribuída pelos responsáveis (pandemia Covid-19).	Família e Médico perceberam as dificuldades.	Responsáveis entendiam a criança no começo, mas ela foi "parando de falar".	Ficava nervoso e mostra o que quer através de gestos
Participante 04	Responsáveis não identificam queixas.	Médico percebeu as dificuldades e Família não percebia.	Responsáveis entendiam a criança.	Fica desconfiada, mas não se importa muito
Participante 05	Alterações fonêmicas.	Família e Médico perceberam as dificuldades.	Responsáveis entendiam a criança.	Fica brava
Participante 06	Dificuldade da criança em se expressar e gagueira.	Família e Médico perceberam as dificuldades.	Responsáveis não conseguiam entender a criança, ela "falava enrolado"	Fica nervosa, chateada, ou desiste de falar
Participante 07	Fala ininteligível.	Médico percebeu as dificuldades e Família não percebia	Responsáveis identificavam trocas mas entendiam a criança pelo contexto.	Fica bravo
Participante 08	Dificuldade da criança em se expressar.	Família e Médico perceberam as dificuldades.	Responsáveis não conseguiam entender a criança.	Fica nervoso e agressivo
Participante 09	Atraso de fala com causa atribuída pelos responsáveis (pandemia Covid-19).	Família e Escola perceberam as dificuldades.	Responsáveis entendiam a criança.	Fica bravo

Legenda: Características da linguagem das crianças e seus erros segundo os responsáveis e caminhos até a intervenção fonoaudiológica.

Como exemplo, a Participante 02 relatou que seu filho apresentava “uma indecisão na hora de falar”, o que prejudicava sua comunicação. A Participante 08 mencionou que a criança enfrentava dificuldades tanto na comunicação quanto na expressão, indicando uma variedade de desafios linguísticos. Já a Participante 09 atribuiu os atrasos na fala do filho aos efeitos da pandemia, afirmando que ele ainda “estava com a fala meio errada”, sugerindo que o desenvolvimento linguístico estava em processo.

Os caminhos para a chegada até o fonoaudiólogo variaram entre os participantes, como mostrado no Quadro 2. Em quatro dos nove casos, o encaminhamento para a fonoaudiologia foi realizado após discussão com um médico, enquanto em outros dois casos a escola sugeriu a necessidade de uma avaliação fonoaudiológica. Em um dos casos, o encaminhamento ocorreu por iniciativa espontânea da família, e em outros dois foi sugerido exclusivamente por médicos, sem que os responsáveis tivessem previamente identificado a necessidade de acompanhamento especializado.

Em relação à compreensão das primeiras palavras e frases, de acordo com o Quadro 2, sete dos nove responsáveis relataram que conseguiam entender as intenções comunicativas das crianças,

apesar das alterações que apresentavam no processo de aquisição da linguagem. No entanto, dois participantes mencionaram dificuldades para compreender as primeiras tentativas de comunicação verbal dos filhos, o que gerou preocupações e incertezas.

Conforme o Quadro 2, os relatos também revelaram a diversidade dos efeitos desencadeados nas crianças diante suas dificuldades de comunicação. Alguns responsáveis relataram que as crianças demonstravam frustração, agressividade ou desistência em tentar se comunicar quando não eram compreendidas.

Maneiras de os responsáveis lidarem com os erros

Os dados revelam que os responsáveis adotam diferentes abordagens ou diferentes maneiras para lidar com os erros na fala das crianças. A estratégia mais mencionada foi a solicitação para que a criança repetisse o que havia sido dito por ela, buscando que a criança reformulasse sua fala de forma mais clara. Algumas famílias também relataram usar o apoio de gestos e expressões faciais para entender melhor a intenção comunicativa da criança quando havia dificuldade na comunicação verbal direta, de acordo com o Quadro 3.

Quadro 3. Maneiras de Lidar com os Erros e a Multimodalidade

	Conduta dos responsáveis quando não entendem a criança	Aspectos Multimodais
Participante 01	Pede para repetir, identifica a mensagem e corrige a fala.	Usa gestos e muita expressão facial.
Participante 02	Pede para repetir, com paciência, e orienta a falar devagar.	Gesticula bastante ao falar.
Participante 03	Tenta adivinhar e a criança mostrava o que queria com gestos, facilitando o entendimento.	Utiliza os gestos como apoio da fala.
Participante 04	Afirma sempre entender o que a criança fala, e que corrige quando necessário.	Não percebe uso significativo de gestos.
Participante 05	Corrige até a criança falar corretamente.	Usava mais gestos antes, quando tinha mais dificuldade para se comunicar.
Participante 06	Completa a palavra quando a criança fica nervosa.	Faz pouco uso de gestos, prefere falar, mesmo quando não é entendida.
Participante 07	Pede para repetir.	Faz uso adequado, a criança usa gestos corretamente
Participante 08	Pede para repetir.	Aponta quando quer algo, mas é agressivo; usa gestos quando não é compreendido ou não consegue se expressar.
Participante 09	Tenta associar com o contexto até acertar.	Bem expressivo, usa apoio dos gestos.

Legenda: Maneiras que os responsáveis lidam com os erros na fala da criança e a utilização de aspectos multimodais pela criança.



Conforme o Quadro 3, seis participantes mencionaram que as crianças faziam uso de gestos concomitantes à sua comunicação verbal especialmente nos primeiros anos, quando a comunicação ainda era mais difícil, como forma de complementar a fala e auxiliar o entendimento da mensagem.

Além disso, alguns responsáveis achavam que estavam minimizando a frustração da criança ao completar suas frases ou adivinhar o que ela tentava dizer, especialmente quando percebiam sinais de nervosismo. Contudo, outros participantes preferiram dar tempo para que a criança encontrasse suas

próprias palavras, reconhecendo a importância de desenvolver sua autonomia na fala.

Por fim, em situações nas quais a criança demonstrava irritação ou desistia de se expressar, como relatado pela Participante 08, os responsáveis tentavam se ajustar à interação, utilizando gestos e encorajamento verbal para estimular novas tentativas de comunicação.

Quanto aos episódios de gagueira durante o desenvolvimento, cinco dos nove responsáveis relataram ter identificado períodos de disfluência em seus filhos, sendo que quatro relataram intervir durante o ato de fala da criança, de acordo com o Quadro 4.

Quadro 4. Período de Gagueira do Desenvolvimento

	Presença de gagueira durante o desenvolvimento	Reações dos responsáveis diante a gagueira
Participante 01	Sim	Esperavam a criança terminar de falar no seu próprio tempo.
Participante 02	Sim	Pediam para falar mais devagar e com calma.
Participante 03	Sim	Pediam para falar mais devagar e com calma.
Participante 04	Não	—
Participante 05	Não	—
Participante 06	Sim	Completa a frase pela criança, invadindo seu turno dialógico.
Participante 07	Não	—
Participante 08	Sim	Pediam para falar com calma e pensar nas palavras antes de falar.
Participante 09	Não	—

Legenda: Presença de gagueira do desenvolvimento e maneiras que os responsáveis lidam/lidavam com esses momentos.

A Participante 06 revelou que costumava concluir as falas da criança, intervindo em seus turnos no diálogo. Outro tipo de intervenção foi relatado pela Participante 02, que mencionou ter

recebido orientação da escola para pedir que a criança falasse “mais devagar”, na tentativa de lidar com a gagueira.

A correção da fala e seus efeitos nas crianças

Quadro 5. A Correção do Erro na Fala da Criança

	Correção da fala pelos responsáveis e frequência	Opinião dos responsáveis sobre a correção
Participante 01	Corrige, não deixa o erro passar despercebido.	Tenta corrigir de forma cuidadosa para não fazer a criança se sentir mal.
Participante 02	Corrige ocasionalmente.	Afirma que a criança não se importa com a correção e tenta produzir a palavra corretamente, muitas vezes sem sucesso.
Participante 03	Parou de corrigir após orientação médica.	Sentiam que piorava a fala da criança.
Participante 04	Corrige sempre que percebem um erro.	Acredita que é o certo a se fazer, a criança fica desconfiada mas não se importa com a correção
Participante 05	Corrige ocasionalmente.	Percebe que a criança volta a falar errado mesmo depois de ter sido corrigida e que a criança fica incomodada com a correção.
Participante 06	Corrige até a criança falar o certo	Acredita que ajuda a criança a tentar falar corretamente, mas a criança fica incomodada
Participante 07	Corrige ocasionalmente.	Acredita que faz bem para a criança pois a ajuda a tentar falar corretamente.
Participante 08	Corrige ocasionalmente.	Sente efeito positivo, pois mesmo não conseguindo produzir corretamente, a criança tenta se corrigir.
Participante 09	Parou de corrigir após orientação fonoaudiológica	Deixava a criança brava e nervosa.

Legenda: Correção parental da fala das crianças e suas opiniões sobre as correções.

Conforme o Quadro 5, ao serem questionados sobre a prática de correção, sete dos responsáveis afirmaram que corrigem a fala das crianças. Entre os que corrigem, alguns adotam uma abordagem mais cuidadosa, com o intuito de não causar desconforto à criança, enquanto outros mantêm uma correção mais direta. Em dois casos, os responsáveis interromperam essa prática após iniciarem atendimento fonoaudiológico e serem solicitados pelos fonoaudiólogos a interromper essa prática, destacando a influência das orientações profissionais.

Apesar de a maioria dos participantes manter práticas de correção, três reconheceram que os efeitos dessas correções tendem a ser temporários, com as crianças frequentemente voltando a cometer os mesmos erros. Isso levanta questionamentos sobre a eficácia das correções repetitivas e imediatas. Por exemplo, alguns responsáveis expressaram a importância de corrigir constantemente, conforme os seguintes relatos: “Eu corrijo, não deixo passar” (Participante 06) e “Corrijo até ela falar o ‘certo’” (Participante 05). Em contraste, outros preferiram uma abordagem mais flexível e positi-

va, corrigindo apenas em situações específicas ou quando o erro era significativo, como indicado pelo Participante 01.

A percepção dos responsáveis sobre a eficácia da correção também variou. Alguns acreditam que corrigir os erros é essencial para o aparecimento da forma correta na fala da criança e para garantir que a criança se comunique adequadamente no futuro. Outros, no entanto, questionaram a eficácia de uma correção constante, demonstrando preocupação com possíveis efeitos negativos, como ansiedade ou insegurança. Por exemplo, o Participante 01 declarou: “Eu acho que o que dá mais efeito é a forma de corrigir. Não quero que ele se sinta mal; tento corrigir mostrando que é só uma forma de ajudar, mas que isso não me afeta”, destacando a importância de corrigir de maneira sutil e paciente.

Por fim, foi observado que a correção excessiva pode ter um impacto emocional significativo. Seis participantes relataram que as crianças mostravam sinais de nervosismo, frustração ou irritação quando eram corrigidas ou não compreendidas. Em dois casos, as crianças demonstraram desânimo e chegaram a desistir de tentar falar. Esses achados

destacam a importância de práticas de correção informadas e equilibradas, que considerem não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também o bem-estar emocional das crianças.

Discussão

De acordo com as análises feitas em cada eixo temático, observamos:

Erros na fala da criança

A literatura demonstra que os erros na fala infantil, como a substituição de fonemas (ex.: ‘buraco’ por ‘bulaco’), a omissão de fonemas (ex.: ‘prego’ por ‘pego’), inserções ou distorções de fonemas, são frequentes durante o processo de aquisição da fonologia⁹. Esses erros ocorrem porque, nas primeiras fases do desenvolvimento, a criança ainda não domina completamente as regras fonológicas da língua materna, nem possui controle motor suficiente para a produção correta de todos os fonemas¹⁰.

De acordo com estudo, a maioria desses erros tende a se resolver espontaneamente com o amadurecimento, especialmente em um ambiente familiar que oferece estímulos e interações verbais suficientes¹⁴. Entretanto, a persistência dos erros além da idade esperada pode sinalizar desvios fonológicos, determinando a necessidade de intervenção fonoaudiológica quando os erros impactam significativamente o desenvolvimento da comunicação⁹.

Os relatos dos responsáveis mencionam que a correção espontânea, sem o suporte de um fonoaudiólogo, não foi suficiente para resolver dificuldades persistentes. A perseverança de alterações fonológicas recorrentes, por exemplo, pode exigir uma avaliação mais detalhada para identificar os possíveis desvios linguísticos⁹. Esses achados evidenciam a necessidade de uma avaliação fonoaudiológica para garantir o acompanhamento adequado e prevenir prejuízos no desenvolvimento da comunicação.

Para que ocorra a intervenção precoce e eficaz, Varanda¹⁵ destaca a importância de encaminhamentos adequados para a terapia fonoaudiológica, geralmente realizados por profissionais de saúde, como médicos e pediatras, que desempenham um papel essencial na identificação e referência de crianças com dificuldades de linguagem. A autora do referido estudo sugere que, mesmo quando

os pais não percebem problemas, a intervenção médica pode ser crucial, como evidenciado no caso de um dos participantes do estudo, que desconhecia as dificuldades da filha até a avaliação médica. Sigolo e Aiello¹⁶ ressaltam a necessidade de acompanhamento regular com pediatras para monitorar o desenvolvimento da fala e intervir quando necessário.

Além do papel dos profissionais de saúde, o conhecimento sobre o processo de aquisição da linguagem é fundamental para a detecção precoce de dificuldades. Santos, Oliveira e Pereira¹⁷ argumentam que a observação atenta dos professores também pode complementar as percepções dos pais, resultando em encaminhamentos mais oportunos para avaliação fonoaudiológica. As autoras enfatizam a necessidade de sensibilizar a comunidade escolar e os profissionais de saúde sobre os sinais precoces de dificuldades de linguagem, além de garantir acesso a recursos informativos confiáveis para apoiar as decisões das famílias.

Apesar de não ter sido uma questão abordada diretamente nas entrevistas, muitos pais/responsáveis participantes desta pesquisa comentaram recorrer a fontes não acadêmicas para obter informações sobre os problemas de fala de seus filhos. Logo, para compreender melhor o tipo de informação que os pais acessam e o impacto delas nas decisões que tomam em relação ao processo de aquisição da linguagem de seus filhos, foi realizada uma procura pelos principais sites de busca utilizados pelos pais para sanar essas dúvidas. Foi encontrado que Blogs como o “Fofuuu”, escrito por Barbosa¹⁸, reconhecem que os “erros na fala” são comuns no desenvolvimento infantil, mas não fornecem detalhes específicos sobre os marcos da aquisição de linguagem. Em contraste, o blog “Leiturinha” criado por Puccini¹⁹ oferece uma visão mais abrangente, abordando os tipos de alterações fonológicas mais comuns e os limites de normalidade.

No entanto, é frequente que fontes populares abordem o desenvolvimento da linguagem de maneira dita “sensacionalista”. Por exemplo, o portal G1²⁰ relaciona “falar errado” a condições graves de saúde, como distúrbios neurológicos e autismo. Embora o conteúdo do artigo reconheça que dificuldades na fala são normais durante a infância, títulos alarmantes podem gerar ansiedade desnecessária entre os pais.

Portanto, destaca-se a necessidade de fontes confiáveis e de orientações baseadas em evidências para guiar os pais em práticas corretivas adequadas, promovendo o desenvolvimento linguístico e evitando intervenções desnecessárias ou prejudiciais. Os dados reforçam a importância de intervenções precoces e de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais de saúde e educação, para assegurar o manejo adequado das dificuldades de linguagem e, com isso, promover resultados mais satisfatórios para o desenvolvimento infantil.

Maneiras de lidar com os erros

Abordar os erros na fala infantil de maneira adequada é essencial tanto para o desenvolvimento linguístico quanto para o bem-estar emocional das crianças, garantindo que elas se sintam seguras e confiantes em suas habilidades de comunicação. As abordagens indiretas, onde os pais usam a forma esperada da produção verbal, sem exigir uma resposta imediata, são mais eficazes para criar um ambiente de aprendizagem seguro e encorajador¹¹. Isso se reflete nos relatos dos participantes que perceberam uma evolução mais fluida na fala das crianças quando deram tempo para que encontrassem suas próprias palavras.

De acordo com Maldonado⁸, os pais devem conversar normalmente com a criança, sem interromper o fluxo do diálogo para corrigir erros de fala. A interrupção e a exigência de repetição correta podem romper a fluidez do diálogo e impactar negativamente o desenvolvimento linguístico da criança. Weitzman²¹ segue o mesmo pensamento, ao afirmar que uma abordagem eficaz para o desenvolvimento da linguagem é cultivar uma comunicação aberta e construtiva, ouvindo atentamente o que a criança está tentando comunicar e respondendo de forma positiva.

Cervi, Keske-Soares e Drügg²² defendem a correção indireta como uma maneira eficaz de preservar a confiança da criança. Ao invés de corrigir explicitamente o erro, os pais podem repetir a fala da criança de maneira correta, sem destacar o erro. Essa estratégia permite que a criança ouça o modelo correto sem se sentir pressionada ou julgada.

Os relatos de uso de gestos e encorajamento verbal mostram uma tentativa de os responsáveis oferecerem suporte sem pressionar a criança. Essas práticas são consistentes com a recomendação de estratégias de apoio multimodais, que valorizam

a autonomia da criança, ao mesmo tempo, que fornecem pistas visuais e verbais para facilitar a compreensão da situação comunicativa. Estudos como o de Holanda *et al.*⁵ e Fonte *et al.*²³ mostram que o uso de tais estratégias pode aumentar a motivação da criança para se comunicar e diminuir a frustração associada aos erros.

Além das estratégias adotadas em casa, os pais também podem se beneficiar da orientação e do apoio de profissionais de saúde, como fonoaudiólogos. Esses profissionais podem fornecer orientações específicas sobre como apoiar o desenvolvimento da linguagem da criança, incluindo estratégias de correção eficazes e atividades para fortalecer habilidades linguísticas. Zhang²⁴ afirma que cultivar uma comunicação aberta e colaborativa, tanto em casa quanto em parceria com profissionais de saúde, pode ajudar a promover um ambiente propício para o desenvolvimento saudável da linguagem infantil. Maldonado⁸ encoraja os familiares a seguir a orientação do fonoaudiólogo que está atendendo a criança, uma vez que esse profissional irá solicitar que eles corrijam a fala dela de uma maneira perspicaz e somente quando ele tiver a certeza de que a criança já consegue corrigir-se e produzir com êxito o fonema esperado.

Fontes não acadêmicas, como o site “Mulher.com”²⁵ e o “Guia do Bebê”²⁶, fornecem orientações similares, recomendando a correção indireta, onde os pais repetem o enunciado da criança que contém o erro, de forma correta e natural. Essas fontes enfatizam que a correção não deve ser exagerada, evitando interromper o fluxo da comunicação. Da mesma forma, Barbosa¹⁸ no blog ‘Fofuu’ destaca a importância da paciência e da compreensão dos pais/familiares durante o processo de correção, sendo que este deve ser feito de forma leve e respeitosa.

Nesta pesquisa, observou-se que alguns responsáveis relatam seguir modos de correção alinhados com essas recomendações. A maioria enfatizou a importância de uma abordagem mais sutil, reconhecendo que a correção excessiva poderia impactar negativamente a autoconfiança da criança, embora ainda haja incertezas sobre o momento ideal para realizar tais correções. Alguns pais, no entanto, ainda optam pela correção direta, acreditando que isso ajuda no aprendizado, mas sem explorar outras formas de lidar com os erros de fala.



A correção da fala e seus efeitos nas crianças

A literatura revisada sugere que a maneira como os pais corrigem os erros de fala de seus filhos têm um impacto significativo no desenvolvimento emocional e linguístico das crianças. A teorização desenvolvida por De Lemos¹ oferece uma perspectiva interessante sobre o processo de aquisição da linguagem e as diversas posições que a criança ocupa em relação à sua fala. Na primeira posição da criança no processo de aquisição da linguagem, a fala da criança reflete a do adulto ao recolocar fragmentos da fala do interlocutor, sendo que nessa posição, portanto, não se verifica a correção.

Já na segunda posição da criança no processo de aquisição da linguagem, ela começa a se distanciar da fala do outro, e os erros de fala como que “explodem”, evidenciando o processo de experimentação de novas combinações linguísticas. Nesse momento, a correção pode se mostrar ineficaz, pois a criança ainda não tem escuta para sua própria fala e está presa aos movimentos da língua¹.

Por fim, na terceira posição, a relação da criança com sua própria fala se torna mais dominante, e é nesse momento que a criança começa a realizar reformulações, hesitações e correções, passando a ouvir sua própria fala. Segundo De Lemos¹, a fala da criança é impermeável à correção quando ela se encontra na segunda posição do processo de aquisição da linguagem. No entanto, é o estranhamento do interlocutor do erro na fala da criança, que a impulsionaria para a terceira posição no processo de aquisição da linguagem. Maldonade⁸ aponta que não é a simples repetição da fala do interlocutor que garante a entrada da forma correta na fala da criança. Antes, há um longo percurso num fazer e desfazer de relações que são estabelecidas nas cadeias linguísticas, até que a forma entre para a fala da criança.

Ramos e Maldonade⁴ também ressaltam que a correção excessiva pode levar à frustração e à insegurança na criança, resultando em uma menor disposição para se comunicar. Crianças submetidas a esse tipo de abordagem podem desenvolver ansiedade, autocritica exacerbada e inibição da fala, o que afeta diretamente sua autoestima e confiança⁹. Assim, as autoras sugerem que as estratégias de correção devem ser cuidadosamente consideradas, visando promover um ambiente de aprendizado positivo. Ou seja, a correção efetiva deve ser adaptada não apenas ao estágio de desenvolvimento,

mas também ao temperamento e às características individuais de cada criança, evitando práticas que possam desencorajar a fala.

Durante as entrevistas, alguns participantes destacaram a importância que dão à correção da criança quando ela fala errado, como evidenciado por um dos relatos: “eu corrijo, não deixo passar” (Participante 06) ou “corrijo até ela falar o ‘certo’” (Participante 05), sendo esses responsáveis mais propensos a corrigir cada erro na fala da criança imediatamente, de forma mais frequente e direta, enquanto outros responsáveis tentam adotar uma abordagem mais positiva mesmo corrigindo a fala da criança, tentando não focar apenas nos erros e valorizar a comunicação, corrigindo apenas em casos específicos ou quando o erro é significativo, como destaca o Participante 01. Essa variação em lidar com os erros na fala das crianças reflete a necessidade de estratégias de correção, que sejam adaptadas às características e necessidades individuais de cada criança.

Ademais, a percepção dos responsáveis sobre a eficácia da correção também é variada, conforme destacado nos resultados desta pesquisa. Alguns responsáveis acreditam que corrigir os erros na fala é benéfico para ajudá-las a aprender a forma correta de se expressar, considerando a correção como uma maneira de garantir que a criança se comunique de maneira eficaz no futuro e veem essa ação como algo certo e necessário. Por outro lado, outros responsáveis questionam a eficácia da correção constante e reconhecem que isso pode causar ansiedade ou insegurança na criança: “Eu acho que dá mais efeito é a forma de corrigir, eu não quero corrigir para que ele se sinta mal, tento corrigir, mas mostrando que eu só tô querendo falar pra ele como é, mas que isso não está me afetando” (Participante 1). Esse participante relata que prefere intervir apenas quando o erro é significativo ou recorrente, enfatizando a importância de corrigir de forma sutil e paciente, para que a criança não se sinta mal ou desencorajada, apesar de continuarem a pontuar questões em suas falas, assim como apontam os estudos de Karatzias *et. al.*¹⁰.

Além disso, alguns responsáveis mencionaram terem recebido orientações de profissionais de saúde, como fonoaudiólogos, para não corrigir a fala da criança, pois isso poderia “piorar a situação”, como relatado pelos participantes 03 e 09. Essas experiências destacam a importância de considerar a orientação profissional sobre a correção da fala das



crianças, levando em conta os possíveis impactos negativos na autoconfiança e no desenvolvimento da criança.

Essa mudança ilustra o papel importante do fonoaudiólogo na orientação das famílias, ajudando os pais a entenderem os efeitos de suas práticas e a ajustarem suas abordagens da fala da criança, a fim de minimizar potenciais impactos negativos no desenvolvimento emocional e linguístico. A intervenção fonoaudiológica, portanto, não apenas auxilia na superação de dificuldades de fala, mas também na promoção de um ambiente comunicativo mais acolhedor e efetivo.

Também é interessante notar que, mesmo entre aqueles responsáveis que continuam a corrigir a fala da criança, alguns conseguem perceber que isso pode ter apenas um efeito temporário e que a criança pode voltar a pronunciar as palavras de forma errada posteriormente, conforme afirma Maldonade⁸. Essa observação ressalta a complexidade da correção da fala no processo de aquisição da linguagem e sugere que, em alguns casos, pode ser mais benéfico adotar abordagens alternativas para apoiar o desenvolvimento linguístico da criança, como relatam Schalley e Eisenchlas²⁷.

Também foram analisadas as falas dos responsáveis que perceberam períodos de gagueira, momento este que, de acordo com Pereira e Maldonade²⁸, pode estar presente durante o desenvolvimento da fala das crianças, e as diferentes estratégias adotadas por esses para lidar com a situação. A fala da Participante 02 revela uma abordagem baseada em orientações recebidas da escola para lidar com a gagueira de seu filho: “a gente não sabe o que é o correto, mas falando com a professora ela fala que é o correto, né? Pedir calma!”. Isto ressalta que, as estratégias adotadas pelos responsáveis para lidar com a gagueira de suas crianças podem partir de orientações equivocadas de leigos na área de aquisição da linguagem e por não corresponderem às elencadas por fonoaudiólogo, podem piorar a situação das crianças, tornando-as mais vulneráveis na comunicação.

É importante destacar que, as crianças desta pesquisa, que foram mais corrigidas pelos pais passaram ou ainda passam por períodos de gagueira, o que sugere uma possível relação entre a correção frequente e a manutenção dessas disfluências. A associação entre práticas corretivas e o desenvolvimento de disfluências, como gagueira, também encontra suporte na literatura. Pereira e

Maldonade²⁸ destacam que a correção constante pode aumentar a autoconsciência da criança sobre a fala, interferindo negativamente no fluxo natural e na fluidez da comunicação. Esses achados reforçam a necessidade de adaptar a prática corretiva para evitar exacerbar problemas já existentes.

Em fontes não acadêmicas, a correção da fala infantil é frequentemente discutida com foco na necessidade de uma abordagem respeitosa e cuidadosa. Por exemplo, o “Guia do Bebê”²⁶ menciona que um erro comum dos pais é corrigir imediatamente a criança quando ela pronuncia uma palavra incorretamente, o que pode levar a sentimentos de vergonha e irritação. Essa abordagem pode fazer com que a criança evite se expressar, resultando em um retrocesso no aprendizado da fala.

Já no site “Mulher.com”²⁵, recomenda-se que, ao corrigir, os pais devem ser pacientes e oferecer o modelo correto de fala, de maneira clara e articulada, repetindo a fala da criança com a pronúncia adequada. Essa abordagem permitiria que a criança ouça a forma correta sem a pressão da correção direta. O blog “Abril Bebê”²⁹ complementa que a repetição correta, sem insistir para que a criança repita até acertar, pode ser mais eficaz, pois a correção direta pode inibir a comunicação e a espontaneidade da criança. Entretanto, essas recomendações são genéricas e não levam em consideração a posição da criança no processo de aquisição da linguagem nem as informações sobre como está em seu processo terapêutico fonoaudiológico, o que são dados cruciais para que o fonoaudiólogo possa se pronunciar sobre o momento adequado para recomendar a correção da fala da criança pelos familiares/responsáveis.

Limitações do estudo

Embora os dados coletados ofereçam uma compreensão valiosa das práticas parentais de correção da fala infantil, é importante reconhecer algumas limitações inerentes ao estudo. Primeiramente, o pequeno número de participantes limita a generalização dos achados para populações maiores. Além disso, como o estudo se baseia em relatos auto avaliativos dos pais, pode haver uma influência de vieses pessoais, como a tendência de minimizar ou justificar determinadas práticas de correção.

Outra questão a ser considerada é a diversidade de contextos socioculturais e econômicos das famílias, que não foi o foco principal deste estudo,

mas que pode impactar as práticas de correção e a percepção dos responsáveis sobre o desenvolvimento linguístico das crianças. A interpretação dos dados, portanto, deve considerar que fatores como o nível educacional e o acesso à informação podem influenciar significativamente as práticas de correção adotadas pelos pais.

Interpretar os resultados a partir de uma abordagem crítica também nos permite considerar alternativas. Por exemplo, enquanto alguns pais relataram que corrigir constantemente ajudava na comunicação eficaz, a literatura sugere que correções excessivas podem, na verdade, inibir a confiança da criança na comunicação. Essas diferenças ressaltam a necessidade de mais estudos com metodologias variadas, que incluam observações diretas e ampliem a compreensão dos efeitos de diferentes abordagens de correção da fala da criança.

Considerações finais

Este estudo evidenciou que os relatos dos responsáveis refletem uma ampla diversidade de percepções sobre os erros na fala da criança, assim como dúvidas frequentes sobre como lidar com eles. Esses achados reforçam a importância de um acompanhamento profissional que possa orientar pais e cuidadores de forma adequada.

Além disso, os dados revelaram que os responsáveis que adotam práticas mais diretas de correção da fala relatam, com maior frequência, a persistência dos erros nas crianças. Esse aspecto é relevante, pois muitos desses responsáveis também relataram não observar melhorias significativas no desenvolvimento da fala quando utilizam abordagens corretivas diretas. Esses resultados sugerem que a forma de abordagem dos responsáveis pode influenciar no progresso do processo de aquisição da linguagem, destacando a necessidade de estratégias mais orientadas e fundamentadas para lidar com os erros de fala infantil.

Ademais, o estudo revelou que muitos pais ainda recorrem a fontes populares ou orientações informais, as quais, em alguns casos, reforçam práticas inadequadas ou baseadas em mitos sobre o desenvolvimento da fala. Isso resalta a importância de ações educativas e informativas direcionadas às famílias e a relevância do suporte dos fonoaudiólogos, na orientação de práticas corretivas mais ajustadas às necessidades individuais das crianças.

A criação de espaços educativos e de diálogo entre profissionais e famílias é essencial para alinhar expectativas parentais a práticas baseadas em evidências, promovendo um ambiente acolhedor e favorável ao desenvolvimento linguístico e emocional. Profissionais de saúde, particularmente os fonoaudiólogos, têm um papel fundamental na orientação de pais e cuidadores, seja de forma individual ou em grupos, por meio de ações de promoção de saúde na Atenção Básica. Essas iniciativas permitem disseminar informações fundamentadas e personalizadas, auxiliando no manejo dos erros de fala de maneira mais eficaz e empática.

Sugere-se, para estudos futuros, uma análise mais detalhada das implicações de longo prazo das estratégias de correção adotadas pelas famílias. Além disso, investigar a eficácia de programas educativos voltados aos pais sobre o manejo dos erros de fala pode contribuir significativamente para práticas mais críticas e eficazes. Ao integrar ciência, prática clínica e educação, espera-se aprimorar o suporte ao desenvolvimento infantil.

Referências

1. De Lemos CTG. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cad Est Ling*. 2002; 42:41–69. <https://doi.org/10.1177/0963721414522813>
2. Lier-De-Vitto MF. Sobre a posição do investigador e a do clínico frente a falas sintomáticas. *Letras Hoje*. 2004; 39(3): 47–59. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13902>
3. Maldonado IR. A (in)flexibilidade pragmática na fala da criança e os erros no processo de aquisição da linguagem. *Estud Linguísticos*. 2018. 47 (2), 306-18. <https://doi.org/10.21165/el.v47i2.2033>
4. Ramos AP, Maldonado IR. O afã de corrigir dos fonoaudiólogos: uma posição pedagógica necessária? *Research, Society and Development*. 2021, 10(10). e94101018562. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18562>
5. Holanda DX de, Cavalcante MCB, Silva EEO da, Silva DM da, Lima VP de. Sob um olhar dialógico-multimodal: a matriz gesto e fala como palco de entrada da criança na linguagem. *Rev GELNE*. 2023; 25(3). <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n3ID32212>
6. Thomaz MM, Milbrath VM, Gabatz RIB, Freitag VL, Vaz JC. Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva. *CoDAS*. 2019 Dec 4; p. 1-6. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019147>
7. Tamis-LeMonda CS, Kuchirko Y, Song L. Why is infant language learning facilitated by parental responsiveness? *Current Directions in Psychological Science*. Sage Publications. 2019; 28(5): 347-54. <https://doi.org/10.1177/0963721414522813>

8. Maldonado IR. O erro na fala da criança na perspectiva do fonoaudiólogo. In: Vieira AJ, Del Ré A, Hilário RN, editors. *E por falar em linguagem da criança...* [recurso eletrônico], ePUB. Porto Alegre (RS): Editora ZOUK; 2023. p. 87-101. ISBN 978-65-5778-099-2
9. Porto MSM, Lima YFA, Vasconcelos ANA. A importância da noção de erro para estudos de aquisição da linguagem: uma análise comparativa de Piaget e de Lemos. In: Del Ré A, Faria EMB, Cavalcante MCB, Nóbrega PVA, editors. *Olhares diversos na língua(gem) da criança*. [recurso eletrônico], ePUB, ePDF. João Pessoa: Editora do CCTA; 2020. p. 40-57. ISBN 978-65-5621-110-7
10. Karatzias T, Dou D, Zhu X. Editorial: Parental influence on child social and emotional functioning. *Frontiers in Psychology*, [S.l.], v. 15, 11 mar. 2024. Seção Developmental Psychology. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1392772>.
11. Volodina A, Weinert S, Washbrook E, et al. Explicando lacunas na educação parental nos resultados sociais e de linguagem precoce das crianças aos 3-4 anos: evidências de dados harmonizados de três países. *Curr Psychol*. 2023; 42: 26398-26417. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03754-z>
12. Brasil. Prefeitura Municipal de Campinas (Secretaria da Saúde). *Técnica de especialidades: Protocolo de Fonoaudiologia*, 2019.
13. Campos CG, Turato ER. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico qualitativa: aplicação e perspectivas. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2009 março-abril; 17(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000200019>
14. Carvalho A de JA, Lemos SMA, Goulart LMH de F. Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS* [Internet]. 2016 Jul; 28(4): 470-9. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015193>
15. Varanda CA, Cruz AC, Almeida V, Prado PC. Early identification and intervention on language deficits and behavioral difficulties in early childhood education. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2019; 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35313>
16. Sigolo ARL, Aiello ALR. Análise de instrumentos para triagem do desenvolvimento infantil. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [Internet]. 2011 Jan; 21(48):51-60. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100007>
17. Santos AO, Oliveira GS, Pereira SS. Avaliação na educação infantil: observação, registros e intervenção pedagógica. *Cadernos da Fucamp*. 2022; 21(53): 38-69. Disponível em <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2836>
18. Barbosa D. Não consigo entender o que meu filho diz. Quando ele vai aprender a falar certo? Fofuuu. 2017 Nov 30. Disponível em: <https://fofuuu.com/blog/nao-consigo-entender-o-que-meu-filho-diz-quando-ele-vai-aprender-a-falar-certo/>. Acesso em: 2024 Out 03
19. Puccini F. Descubra as trocas fonológicas mais comuns na infância. *Leiturinha*. 2019 Mar 7. Disponível em: <https://www.leiturinha.com.br/blog/descubra-as-trocas-fonologicas-mais-comuns-na-infancia>. Acesso em: 2024 Out 03.
20. G1. Crianças falando errado pode ser um problema de saúde. Bem Estar. 2019 Dez 9. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/12/09/criancas-falando-errado-pode-ser-um-problema-de-saude.ghtml>. Acesso em: 2024 Out 03.
21. Weitzman E, Greenberg J. *Learning Language and Loving It: A Guide to Promoting Children's Social, Language, and Literacy Development in Early Childhood Settings*. 2ª ed. The Hanen Centre; 2002. Disponível em https://www.hanen.org/getmedia/a820f99e-ef4e-465f-b308-23154916d64c/LLLI_research-summary_2-1-3.pdf
22. Cervi T, Keske-Soares M, Drügg AMS. Implicações do discurso parental no desvio fonológico. *Estud Psicol (Campinas)* [Internet]. 2016 Oct; 33(4): 689-97. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000400012>.
23. Fonte RFL da, Silva PMS da, Nóbrega PVÁvila, Cavalcante MCB. Estudos em Aquisição da Linguagem e Multimodalidade no Nordeste brasileiro (Studies in Language Acquisition and Multimodality in Northeast Brazil). *EL* [Internet]. 30º de dezembro de 2022 [citado 14º de fevereiro de 2025]; 20(1): 195-218. <https://doi.org/10.22481/el.v20i1.12076>
24. Zhang Y. Quality matters more than quantity: parent-child communication and adolescents' academic performance. *Front Psychol*. 2020;11:1203. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01203>.
25. Mulher.com.br. 8 erros graves que os pais cometem ao estimular a fala dos filhos [Internet]. 2016 Disponível em: <https://www.mulher.com.br/familia/gravidez-e-bebes/8-erros-graves-que-os-pais-cometem-ao-estimular-a-fala-dos-filhos>. Acesso em: 2 nov. 2024.
26. Guia do Bebê. Pais podem prejudicar o aprendizado da fala das crianças? Guia do Bebê [Internet]. 2023. Disponível em: <https://guiadobebe.com.br/pais-podem-prejudicar-o-aprendizado-da-fala-das-criancas/>. Acesso em: 2 nov. 2024.
27. Schalley AC, Eisenclas SA. Parental input in the development of children's multilingualism. In: Stavans A, Jessner U, editors. *The Cambridge Handbook of Childhood Multilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press; 2022. p. 278-303. (Cambridge Handbooks in Language and Linguistics). <https://doi.org/10.1017/9781108669771.016>
28. Pereira GO, Maldonado IR. Algumas contribuições para o estudo do processo terapêutico da gagueira infantil: considerações a partir de um caso. *Distúrbios da Comunicação*. 2023; 35(1). <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2023v35i1e60143>
29. Abril Bebê. Dificuldades na fala: quando é hora de procurar um fonoaudiólogo? Abril Bebê, 2021. Disponível em: <https://bebe.abril.com.br/desenvolvimento-infantil/dificuldades-na-fala-quando-e-hora-de-procurar-um-fonoaudiologo/mobile>. Acesso em: 03 out. 2024.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.